

REVISTA

humanas

nº 9 | DEZEMBRO 2025 ISSN 3086-0393

ANIMALIDADES

DOSSIÊ
**ESPÉCIES
ENTRELAÇADAS**
FRANCISCO CABRAL

UMDOIS
**COMO FALAR
COM FORMIGAS**
FABÍOLA FONSECA

**APRENDIZADOS
POSSÍVEIS
NAS RELAÇÕES
MULTIESPÉCIES**
MARIANA INGLEZ

CONTA-ME UM CONTO
O PRIMEIRO OLHO
VALESKA TORRES

REPORTAGEM
**LETRUX, UM BICHO
QUE VÊ TUDO**

BIOETC
**ANIMALIDADES
DIGITAIS**
REJANE NÓBREGA

FUTUROS
**O ANIMAL E A
MÁQUINA**
ANA PAULA SIMONACI

ENTREVISTA
EXCLUSIVA

**MARIA
ESTHER
MACIEL**

sesc



EDITORIAL

ANIMALIDADES

A *Revista Humanos* apresenta sua nona edição, intitulada *Animalidades*. Em nossa contínua busca por atuar nas interseções entre arte, ciência e tecnologia, trazemos a renomada poeta e escritora Maria Esther Maciel. Em uma ENTREVISTA exclusiva, ela nos oferece uma visão provocadora sobre o papel dos animais na construção de nossas narrativas e identidades, desafiando-nos a repensar o que significa coexistir em um mundo habitado por diversas espécies.

O DOSSIÊ traz, a partir da pesquisa de Francisco Cabral, dez fatos sobre a nossa relação com os animais não humanos e, na coluna umDOIS, Fabíola Fonseca e Mariana Inglez apresentam duas perspectivas sobre aprendizados coletivos que emergem a partir das interações entre os animais com os quais coabitamos o mundo.

Na seção QUADRINHANDO, acompanhamos a quadrinista Ana Cardoso, com narrativas visuais que trazem à tona as semelhanças entre as

espécies animais quando o assunto é vulnerabilidade e direitos. Em CONTA-ME UM CONTO, a autora Valeska Torres apresenta seu olhar sobre a profundidade das conexões invisíveis que nos cercam. A QUE CAPA! desta edição é uma criação da talentosa Carli Ayô, também celebrando as interconexões que nos unem em um ecossistema compartilhado. E na REPORTAGEM desta edição, trazemos no texto do Leonardo Lichote, a Letrux – um bicho que vê tudo.

FUTUROS faz um passeio pela ficção científica onde humanos, animais e tecnologias, entrelaçados, nos convidam a repensar responsabilidades, limites e a própria definição do que significa coexistir neste mundo. Na mesma linha, bioETC traz o conceito de *Umwelt* como uma lente poderosa que nos permite reexaminar a relação entre humanos, inteligência coletiva e os paradoxos das nossas redes digitais.

Estamos entusiasmados para compartilhar esta jornada de descobertas e reflexões sobre a importância de cultivar um olhar mais atento e respeitoso para as diversas formas de vida que habitam nosso planeta.

Boa Viagem!

ANTONIO FLORENCIO DE QUEIROZ JUNIOR

Presidente da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo
do Estado do Rio de Janeiro | FECOMÉRCIO RJ



SOBRE A REVISTA

SESC RJ

**PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO DO COMÉRCIO
DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO | FECOMÉRCIO RJ**
Antonio Florencio de Queiroz Junior

DIRETORA REGIONAL
Regina Pinho

DIRETORA DE PROGRAMAS SOCIAIS
Regina Pinho

DIRETOR ADMINISTRATIVO FINANCEIRO
Luiz Assumpção Paranhos Velloso Junior

DIRETOR DE INFRAESTRUTURA E ENGENHARIA
Fabio Soares

DIRETOR DE COMUNICAÇÃO E MARKETING
Heber Moura

GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO
Adriana Santos | Gerente
Rejane Nóbrega | Coordenadora Técnica

EXPEDIENTE

CURADORIA E COORDENAÇÃO EDITORIAL
Ana Paula Simonaci Valentim
Rejane Nóbrega

DIAGRAMAÇÃO
Leandro Collares

PRODUÇÃO EDITORIAL
Daniel Brandão
Laura Miranda

COMUNICAÇÃO E MARKETING
Alessandra Barcelos

REVISÃO E IMPRESSÃO
Binder | Reimagine

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Ana Paula Simonaci – MTB 42350/RJ

ISSN 3086-0393

A Revista Humanos é uma publicação bimensal
do Serviço Social do Comércio – Administração
Regional no Estado do Rio de Janeiro (Sesc RJ)
Endereço: Rua Marquês de Abrantes, 99 – Flamengo
22230-061 – Rio de Janeiro/RJ

A Revista Humanos surge da ideia do quão encantador é o conhecimento, apresentando pesquisas, cientistas, artistas, jornalistas, pensadores, coletivos e contextos a partir das interseções entre arte, ciência e tecnologia.

Com distribuição e acesso gratuitos das versões impressa e virtual, nosso objetivo, a cada edição, é apresentar ao leitor temas contemporâneos e discutirlos a partir de múltiplos olhares. Acreditamos que a circulação de informações e de novas ideias traz novas e alegres sociabilidades.

O caráter sempre inovador do “conhecer”, a vontade de diálogo e a proposta para redes de temas e públicos exigem ampla pesquisa e dedicação do corpo editorial e de diversos convidados – intelectuais, cientistas e realizadores, tanto de trajetória extensa, como também de jovens pesquisadores.

As edições são compostas por perfis, contos inéditos, artigos, ensaios, dossiês de pesquisa e entrevistas. A revista busca manter o teor científico, de forma acessível, prezando por linguagem de qualidade, tanto textual quanto visualmente.

A Revista Humanos é uma proposta da área de Educação do Sesc RJ. Temos a satisfação de trabalhar com a capilaridade do Sesc para ampliar a apropriação do conhecimento científico, possibilitando a alegria e o despertar para o fascínio inerente ao conhecimento.

BEM-VINDOS A BORDO!

A Revista Humanos é uma publicação do Sesc Rio de Janeiro sob coordenação da Gerência de Educação e da Gerência de Comunicação. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios. Esta publicação está disponível no site:

www.revistahumanos.com.br

SESC RJ ARTE CIÊNCIA TECNOLOGIA



DOSSIÊ

Espécies Entrelaçadas
Por Francisco Cabral

06

bioETC

Animalidades digitais:
quando o código perde
o contexto.
Por Rejane Nóbrega

10



umDOIS

Um tema, duas
perspectivas: discussões
contemporâneas
sobre animalidades.
Por Fabíola Fonseca
e Mariana Inglês

18

20

26

ENTREVISTA

Uma entrevista
exclusiva com
Maria Esther Maciel.



REPORTAGEM

Letrux, um bicho
que vê tudo





FUTUROS

O animal e a máquina.
Por Ana Paula Simonaci



CONTA-ME UM CONTO

Valeska Torres apresenta o
conto inédito *O primeiro olho*.



QUE CAPA!

Conheça a artista por
trás da capa desta
edição e o processo
criativo envolvido.

30

emREDE

Pesquisadores ao redor do
mundo compartilham o fascínio
pela pesquisa e o impacto que
ela causa em suas vidas.

34

36

QUADRINHANDO

Conheça o trabalho
de Ana Cardoso.



40

42

DE OLHO NO SESC

Descubra os projetos
que fazem da Educação
no Sesc RJ um espaço
de experimentação,
crescimento e conexão.

46

DOSSIÊ

ESPÉCIES ENTRELAÇADAS: 10 FATOS SOBRE A NOSSA RELAÇÃO COM OS ANIMAIS NÃO HUMANOS

FRANCISCO CABRAL

A cada edição, um tema fascinante é apresentado ao leitor por meio de dez curiosidades surpreendentes. Prepare-se para descobrir fatos curiosos, histórias inesperadas e dados instigantes, todos ilustrados de maneira a dar vida a cada descoberta.

1. A (auto)domesticação dos cães: A domesticação dos cães remonta a mais de 15 mil anos, quando os ancestrais do cão doméstico, “protocães”, aproximaram-se naturalmente de grupos humanos em busca de restos de comida e abrigo. Com o tempo, esses animais estabeleceram laços sociais com as pessoas, que passaram a selecionar características específicas como porte, pelagem, habilidades de trabalho, entre outras.



2. Animais de estimação reduzem estresse e aumentam bem-estar: O contato com pets pode gerar benefícios fisiológicos e psicológicos. Estudos mostram que as interações reduzem níveis de cortisol (hormônio do estresse) e aumentam a liberação de ocitocina, relacionada a vínculos afetivos positivos.

2



3



3. Cães entendem sinais comunicativos humanos: Os cães são sensíveis a diversos sinais comunicativos, como postura corporal, vocalizações e direção do olhar. Também compreendem naturalmente gestos de apontar, diferentemente de chimpanzés, indicando que a domesticação influenciou sua cognição social e colaborativa.

4. Gatos no Egito Antigo: No Egito Antigo, os gatos, associados à deusa Bastet, ocupavam um status religioso elevado e eram até mumificados. Mas sua história é paradoxal: enquanto alguns eram venerados como animais sagrados, muitos eram criados apenas para sacrifícios rituais, mostrando um respeito condicionado e, em parte, comercializado.



5. Animais em terapias psicológicas: Cães, cavalos e até golfinhos são usados em terapias para ajudar pessoas com depressão, autismo, ansiedade etc. O vínculo com esses animais promove confiança, empatia e sensação de acolhimento, facilitando processos terapêuticos. Embora não substituam tratamentos convencionais, são reconhecidos como aliados valiosos (coterapeutas).



6. Cães reconhecem emoções humanas: Pesquisas mostram que cães conseguem identificar expressões faciais e tons de voz, reagindo a estados emocionais como alegria e raiva. Essa sensibilidade os torna companheiros sociais únicos, capazes de oferecer conforto e ajustar seu comportamento às nossas emoções.



7. Interações entre humanos e pombos: Há cerca de 10 mil anos os pombos convivem com humanos, já serviram em correios e guerras e hoje fazem parte de um ambiente urbano compartilhado, atuando como “biorrecicladores” (consumindo restos), mas também como transmissores de doenças, refletindo uma relação cultural e ecológica em constante mudança.



8. “Fala de bebê” para cães: Quando falamos com cães, tendemos a usar voz mais aguda, ritmo lento e muitas repetições (de forma parecida com a fala dirigida a bebês). Esse estilo de comunicação facilita a atenção dos animais e fortalece o vínculo afetivo.



8

FONTES

FRANTZ, L. A. F. et al. Genomic and archaeological evidence suggests a dual origin of domestic dogs. *Science*, v. 352, n. 6290, p. 1228–1231, 2016.

BEETZ, A.; UVNÄS-MOBERG, K.; JULIUS, H.; KOTRSCHAL, K. Psychosocial and psychophysiological effects of human-animal interactions: The possible role of oxytocin. *Frontiers in Psychology*, v. 3, jul. 2012, p. 1–15. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2012.00234>.

CABRAL, F. G. S. *Produção comunicativa de cães (Canis familiaris) para acesso a alimento visível e oculto*. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. DOI: 10.11606/D.47.2020.tde-13032020-154321.

FADUM, M. A human–animal studies approach to cats and dogs in ancient Egypt: evidence from mummies, iconography and epigraphy. In: RECHT, L.; TSOUPAROPOULOU, C. (ed.). *Fierce lions, angry mice and fat-tailed sheep: Animal encounters in the ancient Near East*. Cambridge: McDonald Institute for Archaeological Research, 2021.

FINE, A. H. Incorporating animal-assisted therapy into psychotherapy: Guidelines and suggestions for therapists. In: FINE, A. H. (ed.). *Handbook on animal-assisted therapy*. 3. ed. Amsterdam: Academic Press, 2010. p. 169–191. DOI: <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-381453-1.10010-8>.

ALBUQUERQUE, N. et al. Dogs recognize dog and human emotions. *Biology Letters*, v. 12, n. 1, p. 20150883, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1098/rsbl.2015.0883>.

GAIETTO, D. M. Pigeon-Human Negotiations through Practice. *TRACE: Journal for Human-Animal Studies*, v. 5, p. 56–80, 2019. DOI: <https://doi.org/10.23984/fjhas.80172>.

BENJAMIN, A.; SLOCOMBE, K. “Who’s a good boy?!” Dogs prefer naturalistic dog-directed speech. *Animal Cognition*, v. 21, p. 353–364, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10071-018-1172-4>.

SERPELL, J. A. Factors influencing human attitudes to animals and their welfare. *Animal Welfare*, v. 13, n. 1, p. 145–151, 2004.

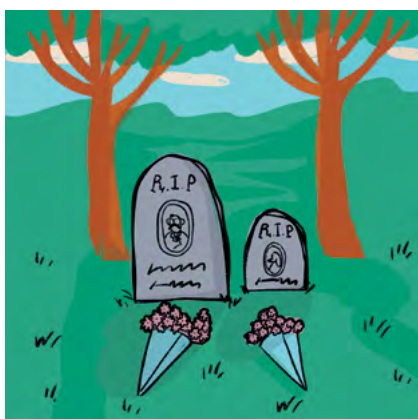
LOSEY, R. J. et al. Canids as persons: Early Neolithic dog and wolf burials, Cis-Baikal, Siberia. *Journal of Anthropological Archaeology*, v. 30, n. 2, p. 174–189, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jaa.2011.01.001>.

9. A cultura molda nossa relação com animais:

A forma como tratamos os animais varia conforme crenças e tradições culturais. Na Índia, por exemplo, as vacas são vistas como sagradas e protegidas, enquanto em muitas outras culturas são criadas principalmente para consumo. Da mesma forma, em algumas sociedades (ex: partes da China e na Coreia do Sul), é normal consumir carne canina.



10. Sepultamentos com cães na pré-história: Acha-dos arqueológicos revelam que humanos enter-ravam cães ao seu lado há mais de 14 mil anos. Esses rituais sugerem que os animais já tinham um papel simbólico, espiritual ou afetivo dentro das comunidades. Não eram apenas utilitários, mas companheiros profundamente valorizados.



10

FIQUE POR DENTRO DENTRO

Saiba mais sobre palavras que podem parecer difíceis ou até serem conhecidas, mas cujos significados, muitas vezes, nos escapam. Trazemos explicações claras e interessantes para termos utilizados no DOSSIÊ que merecem uma atenção especial, ajudando você a expandir seu vocabulário e compreensão.

BIORRECLICADORES

É o nome dado a animais (como pombos, urubus e insetos) que consomem restos orgânicos e contribuem para limpar o ambiente urbano. Ao se alimentarem de resíduos, atuam como uma forma natural de “reciclagem biológica”.

Foto: Acervo pessoal



QUEM É O AUTOR?

Francisco Cabral

Biólogo (IB-USP) e Mestre em Comportamento Animal pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP), onde atualmente cursa o doutorado. Sua pesquisa investiga como o vínculo afetivo e o apego influenciam a comunicação entre cães e seus tutores, utilizando como referencial a Teoria do Apego (Bowlby). Também é graduando em Psicologia (UNIP) e membro do Laboratório de Etologia, Desenvolvimento e Interações Sociais (LEDIS-USP) e do Laboratório de Etologia Canina (LECA-UNIFESP).

CORTISOL

Conhecido como o “hormônio do estresse”, o cortisol é liberado pelo organismo em momentos de tensão ou ansiedade. Embora seja essencial para nos manter alertas, níveis altos por longos períodos podem causar cansaço, irritação e até problemas de saúde.

DEUSA BASTET

Figura central da mitologia egípcia, Bastet era representada como uma mulher com cabeça de gato. Símbolo de proteção, fertilidade e alegria doméstica, foi cultuada especialmente na cidade de Bubástis. Sua popularidade ajudou a elevar o status dos gatos no Egito Antigo, onde muitos eram venerados, mumificados e associados à presença da deusa.

OCITOCINA

É um hormônio associado a sentimentos de afeto, confiança e bem-estar. Produzido naturalmente pelo corpo em situações de contato social e carinho, como abraços, amamentação ou brincadeiras com pets. A ocitocina ajuda a reduzir o estresse e fortalecer vínculos emocionais. Por isso, costuma ser chamada de “hormônio do amor”.

ENTREVISTA

A *Revista Humanos* tem o prazer de apresentar uma entrevista exclusiva com Maria Esther Maciel, poeta, escritora, ensaísta e professora titular da Faculdade de Letras da UFMG, cuja obra transita entre literatura, filosofia e biologia para pensar as relações entre humanos e outros seres do planeta.

Em livros como *O animal escrito, literatura e animalidade* e *Animalidades: Zooliteratura e os limites do humano*, Maciel propõe uma virada sensível no modo de compreender o mundo vivo, da literatura “sobre” os animais para uma literatura que pensa com eles, abrindo espaço para imaginar formas de coexistência, escuta e tradução entre espécies.

Nesta conversa, a autora reflete sobre as fronteiras porosas entre o humano e o não humano, a força ética e poética da arte e da literatura na construção de uma sensibilidade interespecies, e o papel dos animais, reais ou simbólicos, na reinvenção do futuro comum da Terra. Em sintonia com o tema desta edição, a entrevista convida à construção de um pensamento que reconhece a vida em sua pluralidade e interdependência.

BIOGRAFIA

Maria Esther Maciel nasceu em Patos de Minas, em 1963. É escritora, ensaísta e professora titular de Literatura Comparada na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde também coordenou o Núcleo de Estudos Latino-Americanos (NELAM) e o *Transverso – Fórum de Criação e Estudos Poéticos*. Atualmente, atua como professora colaboradora de Teoria Literária na Unicamp.

Graduada em Letras pela UFMG, onde também realizou o mestrado e o doutorado em Estudos Literários, Maciel fez pós-doutorado em Literatura e Cinema na Universidade de Londres e em Literatura Comparada na USP. Foi cronista do *Caderno de Cultura do Estado de Minas* entre 2011 e 2014, é membro da Academia Mineira de Letras e coordena a *Revista Olympio – Literatura e Arte*.

VISTA



Foto: Iana Domingos

No seu livro, O animal escrito, você investiga como os animais são representados e reinventados na literatura. Como você percebe a passagem, nos últimos anos, de uma literatura “sobre” os animais para uma literatura que tenta pensar com eles?

Ao percorrer a história “zooliterária” de diferentes tempos e lugares, pude constatar que, pelo menos até a segunda metade do século XIX, os animais estiveram quase sempre circunscritos à esfera dos símbolos e metáforas dos valores humanos, quando não representados como seres desprovidos das faculdades consideradas exclusivas de nossa espécie.

“

Pensar e escrever *com* os animais tornou-se, assim, um ato de compartilhamento que pressupõe uma coexistência interespecies liberta das demarcações hierárquicas e amarras antropocêntricas.

Esse viés antropocêntrico, entretanto, foi aos poucos se arrefecendo com a emergência de um outro olhar dos escritores sobre as alteridades não humanas e as nossas relações com elas. Um olhar que, atento a questões éticas e ecológicas, passou a ver os animais como sujeitos ativos, dotados de sensibilidade, faculdades cognitivas e saberes próprios sobre a vida.

Já nas últimas décadas, com o avanço das catástrofes ambientais, das práticas cada vez mais mercantilizadas de exploração animal e da extinção de várias espécies, essa visada mais conscienciosa se intensificou, levando a literatura a essa tentativa de *pensar com* os animais. Para viabilizar isso, ficcionistas e poetas se dispuseram a convidar esses “outros mais outros que qualquer outro” (usando, aqui, uma expressão de Derrida) para o território da escrita, acolhendo-os como “eus” complexos, aptos a nos ensinar muitas coisas sobre a vida compartilhada e nos levar ao reconhecimento da animalidade que também nos define.

Pensar e escrever *com* os animais tornou-se, assim, um ato de compartilhamento que pressupõe uma coexistência interespecies liberta das demarcações hierárquicas e amarras antropocêntricas.

Muitos filósofos e escritores contemporâneos têm questionado a fronteira entre o humano e o não humano. De que modo essa dissolução de fronteiras redefine o que entendemos por humanidade?

Se, ao longo da era moderna, diversos pensadores e escritores reagiram contra a cisão humano/não humano legitimada a partir do triunfo do racionalismo cartesiano no mundo ocidental, hoje não são

poucos os que têm colocado em xeque tanto as fronteiras que separam humanidade e animalidade, quanto a pretensa soberania da espécie humana em relação às demais.

Esse movimento filosófico-literário, em consonância com as impressionantes descobertas etológicas sobre as alteridades não humanas, bem como com as preocupações de ordem ética e ecológica que incidem no agora do mundo, tem contribuído, inegavelmente, para a redefinição da própria noção de humanidade à luz das demandas do nosso tempo.

A isso se soma, ainda, a emergência de pensamentos e olhares alternativos sobre o mundo vivo, como o perspectivismo ameríndio e tantos outros saberes advindos de culturas ancestrais, o que torna ainda mais prismática essa dinâmica de dissolução das fronteiras.

Cabe ponderar, contudo, que tal dissolução não implica necessariamente uma rasura das diferenças que existem entre as ordens do vivo. Cada espécie e cada espécime possuem seus próprios graus de complexidade e singularidade, que precisam ser respeitados.

Ainda que muitas das faculdades e habilidades animais possam se confundir com as nossas, ainda que seja viável um convívio interespecies, isso não significa uma invasão dos espaços alheios, uma intrusão na intimidade desses outros. Cabe-nos, na travessia ou na diluição das fronteiras, exercitar também uma ética da diferença, como defendeu o filósofo Mathew Callarco, visto que as alteridades não humanas são irredutíveis às nossas formas de compreensão e aos nossos interesses.

Autores contemporâneos em atividade, como J.M. Coetzee, Yoko Tawada, Vinciane Despret, Olga Tokarczuk e Adriana Lisboa, entre outros, têm mostrado isso por meio da ficção, do ensaio e da poesia, chamando seus leitores a reconhecerem os animais como seus semelhantes e dessemelhantes ao mesmo tempo. Para isso, convoca-nos a olhar para os animais e, se possível, trocar olhares com eles, reconhecendo-os como nossos companheiros de existência que não deixam de possuir seus próprios espaços, saberes e qualidades enquanto viventes.

Você costuma relacionar literatura, filosofia e biologia em seus estudos. Como essas áreas podem dialogar para propor uma nova ética de convivência entre espécies?

No decorrer de minhas incursões na esfera zoo, sempre procurei atuar na confluência de vários saberes para lidar com os animais, a animalidade e as relações humanos/não humanos, por considerar que disciplinas como biologia, etologia, filosofia, psicologia e antropologia, entre outras, podem oferecer subsídios

... tal dissolução não implica necessariamente uma rasura das diferenças que existem entre as ordens do vivo. Cada espécie e cada espécime possuem seus próprios graus de complexidade e singularidade, que precisam ser respeitados.





relevantes para o enfoque literário das espécies não humanas, em seus limites e liames com a nossa.

Nesse sentido, minha pesquisa pode ser inserida, até certo ponto, no âmbito dos chamados *Estudos Animais* – um campo transdisciplinar mais ou menos recente, voltado para os múltiplos aspectos que envolvem o mundo zoo.

Esse campo, feito de interseções, possibilita, a quem nele transita, um olhar diversificado sobre as ordens do vivo e as questões que delas emergem, o que, na literatura, se potencializa pelo exercício da imaginação, dos sentidos e dos afetos.

Dentro dessa teia transdisciplinar, um contágio recíproco de saberes se instaura e confere um caráter híbrido ao conjunto, contribuindo para um trabalho mais amplo em prol de uma ética de convivência entre as espécies nestes tempos desafiadores em que vivemos.

Interessante como a própria etologia tem se valido, recentemente, de recursos poético-narrativos em obras resultantes de pesquisas científicas, a exemplo dos livros *O que diriam os animais?* e *Autobiografia de um polvo*, da etóloga belga Vinciane Despret, que mistura biologia e ficção literária para descrever peculiaridades comportamentais, cognitivas, linguísticas e artísticas de bichos de diferentes tipos e linhagens.

São livros que mostram, por vias oblíquas, não apenas o quanto a literatura e as artes contribuem para a descoberta de outras modalidades de conhecimento sobre a vida ao redor, como também o quanto a natureza é pródiga em espécies e indivíduos não humanos que surpreendem a nossa própria imaginação.

A arte tem o poder de expressar o que é silenciado. Que papel você atribui à arte e à literatura na construção de uma sensibilidade ecológica e interespecies?

Sim, os artistas e escritores, ao trazerem à tona o que se esconde nas dobras da realidade transparente e dizerem o que é silenciado, levam-nos a uma compreensão mais intrínseca da complexidade do mundo vivo pelo viés da sensibilidade e da lucidez crítica. Isso, porque eles se dão a tarefa de apreender as demais existências também pelo coração.

Ainda que as artes e a literatura não ofereçam respostas prontas para as questões em torno das nossas controversas relações com as demais espécies, nem se arrogam a oferecer soluções definitivas aos problemas ecológicos que assolam o planeta, elas são capazes de provocar reflexões éticas e iniciativas práticas em prol da sobrevivência do mundo e dos seres que o habitam.

Como afirmou o líder indígena Ailton Krenak, se o capitalismo, em estado de metástase, “ocupou o planeta inteiro e se infiltrou

na vida de maneira incontrolável”, resta-nos “manter acesas nossas visões e poéticas sobre a existência”, como antídotos à enfermidade do planeta.

A ideia de “animalidade” também atravessa as tecnologias, desde as inteligências artificiais, que imitam comportamentos biológicos, até os experimentos de bioarte. Como você enxerga essas novas formas de “vida” ou de simulação da vida?

Ainda não me detive com cuidado nessa virada tecnológica e suas reverberações no território da animalidade, mas confesso a minha inquietação diante desses experimentos que promovem a artificialização dos comportamentos biológicos e a robotização da vida. O que pode advir disso para o futuro dos animais e dos próprios humanos? Não sei.

No caso da bioarte, penso que o controverso uso de animais vivos em instalações, performances e obras de arte contemporâneas, mesmo com propósitos crítico-criativos, reedita, por outros vieses, certas práticas que incidiram ostensivamente, a partir do século XVIII, nos zoológicos, circos e feiras de curiosidades da Europa e de outras paragens.

Considero também que as intervenções genéticas no corpo animal, com finalidades artísticas, não deixam de estetizar os experimentos de laboratório feitos em nome do avanço da medicina e da indústria farmacêutica. São manipulações que mudam estruturalmente o organismo desses viventes e violam sua intimidade, causando-lhes danos físicos e psíquicos. Mesmo que esses artistas assegurem o bem-estar dos animais, o próprio ato de manipular um corpo que pulsa acaba por reduzi-lo à condição de objeto.

Ao pensar em futuro e sobrevivência, o que os animais ainda têm a nos ensinar sobre adaptação, solidariedade e limites da vida humana no planeta?

Se considerarmos que não apenas os animais, mas também a humanidade, correm sérios riscos de extinção sob o impacto dos revezes climáticos, uma atitude ética, política e ecológica perante esse quadro se torna imprescindível. E acredito que possamos aprender muito com os sujeitos não humanos para enfrentar essa ameaça cada vez mais premente.

É impressionante como eles se adaptam às situações mais adversas e desafiam, com seu despretensioso estar no mundo, as forças que insistem em detê-los e drenar o seu vigor em nome da supremacia humana. Eles são resilientes, agem de acordo com seus sentidos, participam ativamente – por vezes, como maestros

– daquilo que o músico e naturalista Bernie Krause chamou de “a grande orquestra da natureza”. Além disso, fazem do presente o seu tempo, vivem no aqui e no agora do mundo.

Às vezes eu me pergunto até que ponto os bichos nos questionam com sua razão distinta da nossa, o que eles pensam sobre nossas fragilidades e gostariam de nos ensinar em termos de sobrevivência e solidariedade. Não tenho dúvidas de que eles têm um ponto de vista sobre a humanidade, como mostra o boi do poema “Um boi vê os homens”, de Carlos Drummond de Andrade, com o seu olhar atento e vigilante sobre a espécie humana.

Talvez, possamos aprender com os animais a nos mover lucidamente pelos instintos. Isso, se considerarmos o instinto, em contraponto à razão, como um sentido marcado pela visceralidade, que molda um modo de pensar que se inscreve num *logos* paradoxalmente não racional, que desafia e desestabiliza o conceito antropocêntrico de razão.



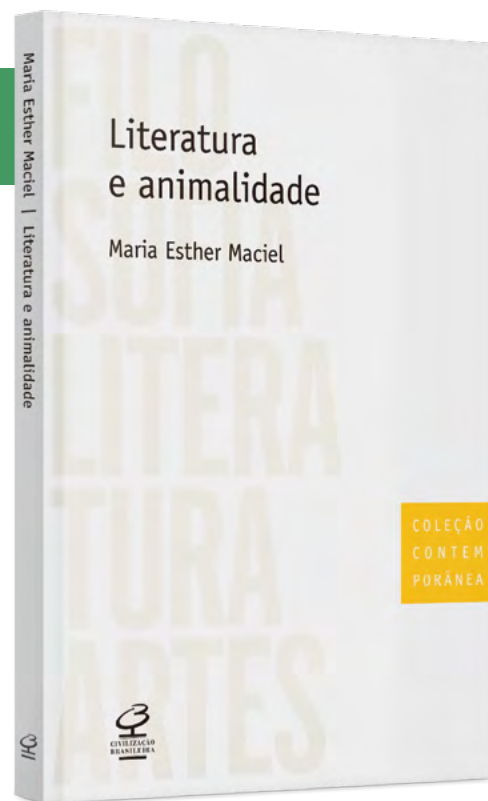
... os artistas e escritores, ao trazerem à tona o que se esconde nas dobras da realidade transparente e dizerem o que é silenciado, levam-nos a uma compreensão mais intrínseca da complexidade do mundo vivo pelo viés da sensibilidade e da lucidez crítica.

OBRAS DA AUTORA

LITERATURA E ANIMALIDADE

O primeiro livro publicado no Brasil sobre a relação entre literatura e animalidade.

A abordagem se fundamenta em trabalhos que renovaram e ampliaram o horizonte da discussão sobre o animal na atualidade, a partir de filósofos (entre outros, Michel de Montaigne, Jacques Derrida, Gilles Deleuze e Giorgio Agamben) e escritores (como Franz Kafka, Jorge Luis Borges, J. M. Coetzee). Este volume se encerra com uma importante entrevista do filósofo e etólogo francês Dominique Lestel. *Literatura e animalidade* faz parte da *Coleção Contemporânea*, que se propõe a tratar de temas atuais nas áreas de Filosofia, Literatura & Artes. O enfoque principal é o de um pensamento original, em linguagem acessível, mas preservando a profundidade e rigor da reflexão.



ESSA COISA VIVA: SEMIFINALISTA DO PRÊMIO OCEANOS 2025

Quando completa um ano da morte de sua mãe, que vivia no interior de Minas Gerais, uma botânica de renome internacional resolve pôr os pingos nos “is” de uma relação permanentemente marcada pela instabilidade, pela culpa e pelo rancor. Neste romance poderoso, a autora parte das “coisas” – plantas, objetos, insetos – para reconstruir o passado da protagonista. A mãe, centro das memórias, foi uma mulher a um só tempo vítima de seu tempo e algoz da própria filha. Uma mulher que alardeava a própria infelicidade e que parecia não desejar a satisfação alheia – especialmente da filha, por quem nutria uma obsessão feita de reproches, cobranças, destruição da autoestima e desejos obscuros.

Maria Esther Maciel



O LIVRO DE ZENÓBIA



O LIVRO DE ZENÓBIA

Logos de palavras e de sensações são a marca de O livro de Zenóbia, primeira obra de ficção de Maria Esther Maciel. Narrativa poética sobre a vida, os pensamentos e as emoções de Zenóbia, o livro tem passagens de intenso lirismo, delicadeza e humor sutil. A subjetividade oblíqua está presente nas descrições da vida amorosa e familiar da personagem, suas recordações da infância, receitas culinárias, listas de flores prediletas, livros de cabeceira e outros exercícios de classificação. Distante do realismo psicológico tradicional, o enredo é dinâmico, em capítulos breves, com influência das técnicas do cinema, em flashes de sensorialismo (“um ramo de folhas secas, um anjo indeciso de gesso e um livro laranja, quase vermelho”). Retrato de uma mulher do interior em sua existência rotineira, O livro de Zenóbia é uma incursão no universo feminino, uma investigação inteligente da sensibilidade, um questionamento dos limites entre realidade e ficção, vivência e imaginário.

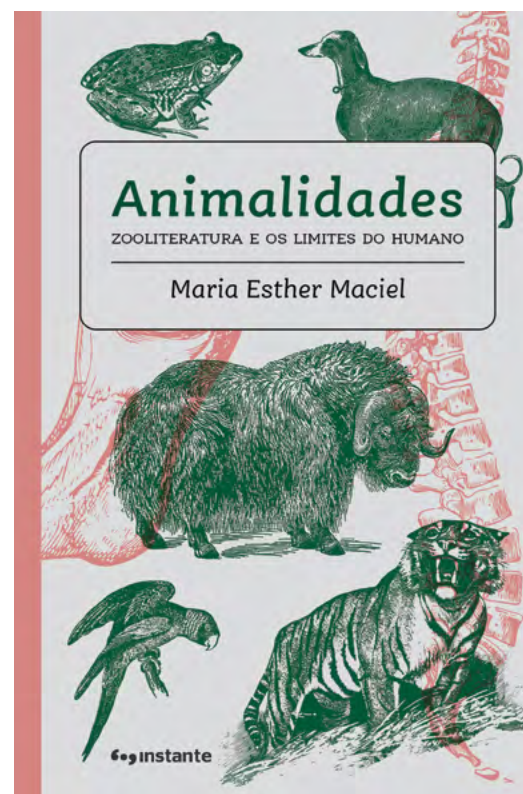
ANIMALIDADES: ZOO LITERATURA E OS LIMITES DO HUMANO

Quem convive com animais decerto já tentou imaginar o que eles sentem ou pensam. Se você fez isso, saiba que não está só.

Na literatura ocidental, não foram poucos os escritores que atribuíram emoções e pensamentos aos animais. O registro mais antigo remonta à Odisseia de Homero, em que o cão Argos reconhece Ulisses após 20 anos e só então morre diante do herói. Alguns contemporâneos foram mais além: conferiram voz particular e espaço narrativo a seres não humanos. Um exemplo recente é Yoko Tawada, que buscou ocupar a interioridade de ursos-polares para depois “traduzi-la” em linguagem humana.

No extenso intervalo entre esses dois autores, outros escritores ousaram dar protagonismo a animais a fim de abordar questões não humanas num mundo dominado por humanos, como Virginia Woolf e Franz Kafka. E, na literatura brasileira, temos Graciliano Ramos, com a cachorra Baleia, de Vidas secas, e Machado de Assis, cujo personagem canino Quincas Borba se confunde com o humano homônimo no romance de mesmo nome, além de Guimarães Rosa, Drummond e Clarice, com suas obras que trazem bois, cavalos, búfalos e baratas como personagens.

Maria Esther Maciel, uma das maiores autoridades no tema, além de escritora que transita entre ficção e não ficção, retoma a relação entre literatura e animalidade nesta abrangente análise de obras clássicas e contemporâneas, nacionais e estrangeiras, com o intuito de ampliar as reflexões sobre a questão dos animais e lançar luz sobre nossa interação com eles, sem deixar de enfatizar poéticas e políticas da natureza do século XXI.



bioETC

ANIMALIDADES DIGITAIS: QUANDO O CÓDIGO PERDE O CONTEXTO

REJANE NÓBREGA

Você acha que seu cachorro, uma abelha, uma baleia e você vivem no mesmo mundo? Para você, o parque é um cenário de árvores e pessoas; para o cachorro, é um universo de cheiros, um mapa de quem passou por ali. A abelha vê cores ultravioletas que você nem imagina. Essa teoria, desenvolvida pelo biólogo Jakob von Uexküll, tem um nome: *Umwelt*. Cada ser vivo não apenas habita um ambiente, mas cria um mundo próprio, moldado por seus órgãos sensoriais e pelos sinais que lhe são relevantes.

Para Uexküll, cada ser vivo opera com base em um código (o repertório de signos que pode interpretar) e um contexto (o ambiente que dá sentido a esses signos). O código não é um programa abstrato que roda no vazio; é inseparável do seu contexto

ecológico. Dessa relação emergem formas impressionantes de inteligência coletiva, como as formigas, cuja genialidade não está em um indivíduo, mas na interação. O código de uma formiga – seguir o feromônio – está acoplado ao contexto físico. Se o caminho não leva à comida, o rastro enfraquece. O código é validado pelo mundo. A inteligência nasce dessa sintonia.

A teoria de Uexküll dialoga com cosmologias do Sul Global ao questionar a ideia de uma Natureza única e objetiva – pilar do pensamento moderno, como analisam Latour (1994) e Lander (2005). Em vez de uma natureza e múltiplas culturas, surge o multinaturalismo: múltiplos mundos, definidos pela perspectiva de cada ser. A onça, o carrapato e o humano não compartilham a mesma realidade.

Nós, humanos hiperconectados digitalmente, também formamos um enxame. Mas diferente das formigas, seguimos algoritmos desvinculados do contexto do mundo real, cujo objetivo não é a verdade ou o bem-estar, mas a otimização do engajamento.

Curtidas, compartilhamentos e indignação tornam-se sinais sem lastro na realidade. O código cria seu próprio contexto – um *Umwelt* sintético que se autorreferencia e nos aprisiona. Conteúdos que provocam emoções intensas se espalham não por serem verdadeiros, mas por serem mais engajantes. Seguimos rastros que não levam à comida, mas ao vício da atenção.

Uexküll nos lembra que viver é traduzir. O problema das redes não é apenas o sinal, mas a desconexão entre código e contexto. A tarefa é reconectá-los: lutar por métricas ancoradas no mundo real, construir plataformas mais conscientes e cultivar a percepção de que nosso *Umwelt* digital é apenas um entre muitos – e talvez um dos mais empobrecidos. A sabedoria das formigas está na fidelidade ao contexto. Talvez seja hora de reaprendermos essa lição.

FONTES

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

UEXKÜLL, Thure von. A teoria da Umwelt de Jakob von Uexküll. *Galáxia: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica*, São Paulo, n. 7, p. 19-48, abr. 2004.

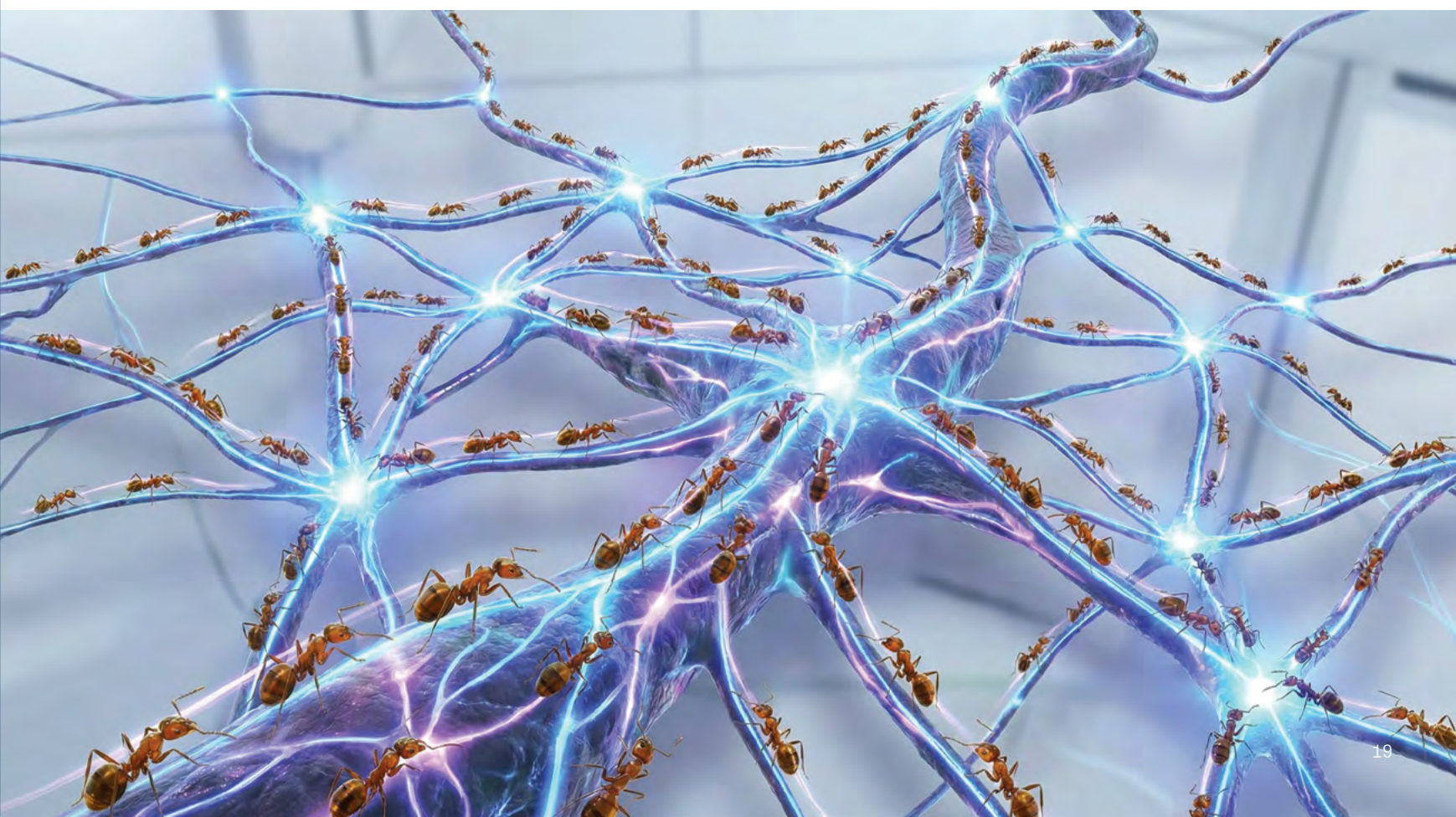
LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

Foto: Acervo pessoal



Rejane Nóbrega

Rejane Nóbrega atua na idealização e coordenação de projetos para apropriação social do conhecimento científico, a partir das interseções entre arte, ciência e tecnologia. Bióloga e mestre em Genética Marinha pela UFRJ, é movida pela convicção de que o conhecimento desperta empatia, alegria e uma apreensão mais profunda do mundo. É curadora da Humanos e assina esta coluna, onde explora a vida biológica como ponto de partida para as humanidades e suas vastas conexões.



LETRUX, UM BICHO QUE VÊ TUDO

LEONARDO LICHOTE

Letícia Novaes – ou Letrux, como ela assina seus discos – não quis animais de estimação na infância. Mas não que desgostasse dos bichos. “Eu era fascinada”, diz, antes de explicar porque evitava a proximidade. “Talvez por isso eu não quisesse ter. Clarice Lispector escreveu [em *A paixão segundo G.H.*] algo como: ‘Não os tendo, eu não os torturava’. Ela estava falando de homens, mas eu penso isso um pouco sobre bicho. Ainda bem que eu não tive bicho na infância porque eu tinha um fascínio tão alucinado que talvez tivesse sido perigoso”.

Esse fascínio se expôs de maneira escancarada em “Letrux como Mulher Girafa”, álbum lançado em 2023 que traz em todas as faixas alusões a animais de diferentes classes: “Louva deusa”, “Zebra”, “Crocodilo”, “Leões”, “Abelhas”... De alguma maneira, o disco

é um desdobramento natural das reflexões e imagens que os bichos geram nela desde muito cedo.

“Quando era criança eu não gostava muito de ver televisão, novela, essas coisas”, lembra a cantora. “Mas se de repente passava num Discovery Channel e vinha um locutor falando que na língua da baleia azul cabia 50 pessoas, eu ficava: ‘Uau, imagina essa festa’. Aí minha cabeça ia longe”. Em homenagem a essa memória, em sua primeira banda, Letícios, ela gravou uma música sua batizada exatamente de “Discovery Channel”.

A comunicação sem fala dos animais sempre foi um ponto de atração poderosíssimo para a mente de Letícia. “A gente acha que a girafa é muda, mas ela não é. Ela faz um som que o ouvido humano não percebe. Eu ficava: ‘Nossa, que coisa maluca, como é que eles se compreendem?’ Me fascinava a compreensão pra além de palavras. Minha avó teve uma doberman que, antes de morrer, foi até a cama dela, beijou seu rosto, depois foi pra sua

REPORTAGEM

Foto: Ana Alexandrino



MIREPORTAGE



caminha e morreu. Ela nunca ia na minha avó de madrugada, foi lá se despedir. Não deu tchau, mas deu”.

Durante a pandemia, Letícia – que sempre se achou “meio animalzinha, do cheiro, do gosto” – conta que se viu próxima como nunca de seu lado bicho. “Tinha dia que me dava conta de que não tinha falado uma palavra. Às vezes, fazia comida e comia arroz e feijão com a mão, sabe? Teve um momento em que falei: ‘Tô um animal, eu não falo, não me comporto como um ser humano’”

Nesse mesmo período da pandemia, Letícia começou a se permitir uma proximidade maior com animais domésticos. Algo que aconteceu naturalmente quando se mudou temporariamente para a casa de sua avó em São Pedro da Aldeia. “Quando você mora em apartamento, uma barata aparece e você fica horrorizado. Mas em casa entra morcego, gambá...”, compara a cantora. “Um dia apareceu um gato. Acho que era do vizinho, mas como a gente tinha os quintais próximos, ele vinha muito. Eu, que sempre achei que gato era uma pantera em miniatura que poderia me matar a qualquer momento, de repente me vejo com um gato no meu colo. Isso nunca tinha acontecido. Eu fui ter um gato subindo no meu colo aos 38 anos. Aí corta para beijo na boca do gato, gato dormindo do meu lado...”.

Essa nova relação com os animais, ela nota, passou a se refletir em seus escritos. “Comecei a perceber que meus

Foto: Ana Alexandrino



Foto: Ana Alexandrino

“

Não tenho problema de mostrar os processos, os bastidores. Não me fere.



cadernos, os audiosinhos de celular que eu vou gravando com melodia, tinham coisas como ‘desse mato não sai cachorro’, ‘matar um leão por dia’... Me liguei numas expressões que a gente usa envolvendo o mundo animal, mas para falar de algo humano”. Era o estopim das canções de “Letrux como Mulher Girafa”.

A identificação da cantora com a girafa vem de longe. Ela sempre foi a mais alta entre seus colegas, o que gerava um bullying muitas vezes associado ao animal. “Pois é, me xingavam de girafa. Em algum momento eu falei: ‘Que idiotas’. Porque é um bicho bonito para caramba. Foi uma sensação de superação, de uma forma muito clara. Eu faço análise há 200 anos. Mas ali foi só me distanciar um pouquinho e ver: ‘que burrinhos, tadinhos’. Eles não observaram a girafa muito bem. Eles foram só no óbvio. Não viram que as girafas têm manchas lindas, com padrões diferentes em cada região do continente africano”.

Mais do que a altura e as “manchas” únicas, Letícia vê nela mesma e na girafa um traço comum fundamental. “É um bicho que vê tudo. E eu sou totalmente voyeur, muito observadora. Para além do tamanho, mas por causa do tamanho, ela vê quem tá chegando, vê tudo. Pensei: ‘Esse disco sou eu vendo

tudo. Tudo que a gente viveu aí nesses últimos aninhos””, conta a artista, que atualmente roda o Brasil com um novo show, “Letrux 20 anos alternativa”, no qual celebra o repertório de sua geração, com canções de Céu, Binário (banda de Lucas Vasconcellos, sua dupla no Letuce), Tulipa Ruiz, Cidadão Instigado, Ava Rocha e Curumin, entre outros.

“Letrux como Mulher Girafa” mergulha no reino animal para abordar questões dessa nossa sociedade de gente que “não pensa que é bicho”, como diz num dos versos. O olhar de Letícia, voyeur como uma câmera do Discovery Channel, captura cenas das relações humanas traduzidas em imagens animais: “Pele boa de cheirar/ Pelo bom de sentir/ Carne boa de comer/ Te cacei pra mim, te tirei o couro/ Tripas pra fora, tratei com amor/ Embora não pareça, foi com amor que te destrinchei”; “Deu zebra no jogo/ Perdi teu bico, tua asa, teu ninho”; “Deus não deu/ Exu vai dar/ Quem foi que disse que cobra precisa de asa?”; “Leva essa tristeza de abelha/ Deixa o mel e a cera”.

O álbum é pontuado por vinhetas entre as canções. São bastidores da gravação, fragmentos de ideias, pedaços de músicas inacabadas, haicais pop. Num deles, Letícia desenha um autorretrato sintético, com um tempero de duplo sentido: “Às vezes eu sou um ovo/ Às vezes eu sou uma galinha/ Eu sou tudo que dá”.

“Tenho um ovo tatuado, eu tenho um encanto com galinha e com ovo. Eu já pensei muito que eu não queria engravidar, eu queria só chocar uma criança. Você trabalha, chega em casa, aí você senta assim num lugarzinho e de repente sai um neném. Olha que magia! E no Brasil a gente usa galinha pra uma mina galinha, que pega todo mundo e tal. E tem uma coisa do ovo de ser um embriãozinho que ainda não saiu. A galinha sai. Pra galinha ser galinha ela tem que sair. E eu sou muito assim, mas às vezes eu sou muito ovo, quero ficar aqui dentro da minha casquinha. Eu até faço análise para buscar um meio termo, porque no fundo, no fundo, ou eu sou um ovinho ou eu sou ‘vamos lá, vamos bater asa e vamos ciscar por aí’”.

Os “intervalos”, com seu jeito de rascunho, são uma maneira de brincar com essa ideia da perfeição que o ser humano busca na arte, esquecendo seu caráter lúdico. Ou seja, outra dimensão do animal – ou do infantil, já que crianças estão mais próximas dos bichos do que os adultos – presente no disco. “Tem que ter brincadeiras na vida, ter situações de gracinhas para as pessoas verem também que um disco não é só aquilo, esse peso da obra bem-acabada”, reflete Letícia. “Ele foi feito de muitos momentos. Então quis mostrar para os fãs: ‘Olha que loucura é fazer um disco’. Então você está aqui com violão e você ri e você grita e você tem uma ideia e às vezes essa ideia não se desenvolve, não

Foto: Ana Alexandrino



entra. Mas ela existiu e eu quis mostrar. Acho bonito também não mostrar só o resultado final depois da minha lapidação e da minha escavação. Não tenho problema de mostrar os processos, os bastidores. Não me fere”.

Foi com a mesma perspectiva em mente que Letícia escreveu *Brincadeiras à parte*, livro de contos que ela lança ainda em 2025. Cada conto remete a um jogo, que pode ser Mega-Sena, buraco... “Não que o jogo seja a coisa principal, pode ser apenas um esbarão numa outra história que está se desenrolando”, explica ela, que põs intervalos também no livro. “É como a gente faz quando está jogando, você fala: ‘Vamos parar rapidinho aqui para fumar um cigarro, vamos parar rapidinho para mexer no celular, vamos parar para comer’. Eu sempre fui essa amiga que as pessoas dizem que nunca tiveram tédio em mesa de restaurantes porque eu inventava jogos: ‘Vamos fazer telefone sem fio, mas por telepatia, olha no olho da pessoa e pensa numa cor’. Botei isso nos contos. Tô bem feliz com o resultado”, diz, com sinceridade desarmada de gente que se sabe bicho.

Foto: Ana Alexandrino

Foto: Mônica Ramalho



Leonardo Lichote

Jornalista e crítico de música. Trabalhou n'O Globo e hoje colabora com publicações como *Folha de S. Paulo*, *Piauí* e *Traços*.

“

Os Intervalos, com seu jeito de rascunho, são uma maneira de brincar com essa ideia da perfeição que o ser humano busca na arte, esquecendo seu caráter lúdico.

umDOIS

QUE APRENDIZADOS
COLETIVOS
EMERGEM DAS
INTERAÇÕES ENTRE
OS ANIMAIS COM OS
QUAIS COABITAMOS
O MUNDO?

Ilustração: Karipola



COMO FALAR COM FORMIGAS

FABÍOLA FONSECA

Já tem um tempo que eu venho tentando falar com formigas. Pode parecer insano dizer isso, mas é a forma como tenho me posicionado para prestar atenção a um mundo no qual eu sou apenas mais uma habitante. Minhas tentativas se iniciaram na pandemia, quando me vi morando em um apartamento no centro de São Paulo e estava diante de um cenário no qual eu precisava inventar alguma coisa para não sucumbir. As formigas moravam comigo no meu apartamento e são daquela espécie que estamos acostumadas a ver nas nossas casas. Umas bem pequenas, chamadas formigas fantasmas. O nome delas é decorrente da coloração do abdômen –, que é quase transparente. Comecei a observar e ter ciência da entrada do ninho – no rejunte do azulejo da cozinha. Era eu entrar na cozinha e daqui a pouco elas saíam – como se a minha presença fosse um “desconvite” a delas. Salvo se em cima da mesa tivesse algo que elas estivessem muito interessadas, como aconteceu com o bolo de banana. Eu comprei e deixei na mesa, mas quando voltei era tanta formiga que era impossível que eu comesse sequer uma fatia dele. Essa foi a primeira vez que vi as formigas e a partir desse encontro, comecei a filmar com uma lente macro barata acoplada ao meu celular. Também cheguei a ver algumas no rejunte do registro do banheiro, indo dessa frestinha para uma localizada mais na parte de cima. Várias passavam, carregando outras bem transparentes na boca. Era uma transferência de ninho. Comecei a deixar pequenas gotas de mel em uma placa de acrílico em cima da mesa para que elas viessem – aquilo parecia ser um grande banquete para elas e nem a minha presença as deixavam desconfortáveis. Eram muitas formigas e comecei a me questionar a razão delas serem categorizadas como pragas urbanas: por que um animal que está ali exercendo sua biologia, poderia ser uma praga? E de tanto me

dedicar a elas, me dei conta do sistema de comunicação que elas criaram ao longo de toda a sua longa história evolutiva: elas tocam as antenas umas das outras. Eu tinha aprendido isso de forma tão mecânica que nunca tinha parado para pensar que a existência de todas as espécies de formigas dependem da delicadeza do gesto de tocar as antenas umas das outras. Esse exercício de olhar, de prestar atenção como uma arte da atentividade, pode nos ajudar a reativar nossos sentidos nesse mundo tão capturado por uma lógica hegemônica. Talvez isso nos ajude a resgatar nossas capacidades de imaginarmos novos e possíveis mundos por vir: se a gente pudesse falar feito formiga, como seriam nossos gestos? Pensamos nessa pergunta como uma ferramenta que nos faz criar outros modos de agir, sentir e pensar. Talvez isso nos torne mais gentis em um mundo em que, cada vez mais, as espécies estão desaparecendo; talvez isso nos torne capazes de falar com formigas.

DIÁLOGOS ENTRE AS CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS: MUNDOS POSSÍVEIS A PARTIR DAS RELAÇÕES MULTIESPÉCIES

MARIANA INGLEZ

“... Hoje almocei no acampamento de uma empresa de resgate da fauna impactada pelas obras. Comi rápido para ter tempo de ir à área dos animais e, assim que cheguei, um macaco-prego se aproximou. Ele percorria a cerca para me acompanhar e ficar o mais próximo possível de mim. Estendia a mãozinha como se implorasse por um toque e eu não pude negar o pedido silencioso. Como um bebê, segurava meus dedos em sua palma fechada, ‘curiando’ por dentro da manga da minha camiseta e tentando alcançar meu óculos antes de acalmar e me encarar, mirando nos meus olhos. Não tenho encontrado humanos que me dizem tanto com o olhar e sem palavra alguma. A vontade de brincar imediatamente foi substituída por uma melancolia que me atravessou. Mesmo em silêncio, ouvi ecos desesperados por toque, companhia, acolhimento. Lembrei dos bandos de macacos que, livres, pulam na floresta ainda em pé. Esse filhote, teve sua natureza negada pra sempre e agora sobrevive sem viver...”

(07/03/2014 – Diário pessoal, M. Inglez)

Chamei a Amazônia de casa pela primeira vez quando me mudei de São Paulo (SP) para Altamira (PA), entre os anos de 2013 e 2014. Compreendendo a dimensão dessa vivência e de tantas outras no decorrer dos anos, as tenho registrado em diários pessoais.

Encontros como acima tem me feito entender o quanto perdemos com o antropocentrismo e a cisão entre os mundos da nossa espécie e das demais. Como Bioantropóloga em busca pelo diálogo entre as Ciências Humanas e Naturais para a compreensão da nossa própria espécie, me interessa refletir sobre aprendizados possíveis a partir das interações com animais não humanos (ou mais-que-humanos) e da observação de suas próprias formas de se relacionarem entre si, com outras espécies e com o mundo físico.

E se partíssemos da ideia de que outros seres pensam e de que as identidades vão além da humanidade? Esse tem sido um dos principais questionamentos que

orientam uma Antropologia para além do ser humano. Na contramão das fraturas da colonialidade que hierarquizam as variadas formas de vida, como bem define Malcom Ferdinand, quão interessante são os efeitos de uma percepção que busque atender à realidade prospectiva dos seres em geral e que não tenha as diferenças, mas as semelhanças do pensamento como pressuposto?

A forma como fui ensinada (colonizada) a ler o mundo se expande quando ouço ou leio pensadores como Davi Kopenawa, Ailton Krenak ou Nego Bispo; as etnografias e trabalhos de autores como Donna Haraway, Manuela Carneiro da Cunha, Eduardo Viveiros de Castro, ou Eduardo Kohn; e nas vivências com pessoas de comunidades ribeirinhas de Caxiuanã, Mamirauá ou indígenas do Alto Rio Negro.

“Os olhos são o espelho da alma”. Nos olhos do macaco-prego (ou da minha cachorra Jambú), tenho pra mim que ambos sabíamos quem era quem em igualdade de “selfs”, dos “eus”, nas individualidades de nossas existências. Já sentiu isso também? Essa “alma”, presente em todas as formas de vida, seria o que nos conecta e permite as relações em uma Ecologia dos Seres. Excede a barreira do corpo, locação física impermanente, e poderia persistir após a morte e entre espécies, de acordo com formas menos ocidentais, capitalistas e hierárquicas de ver o mundo. Se animais são pessoas que se auto reconhecem, muitos mundos são possíveis a partir de quem observa e em qual situação. Como seriam esses outros mundos?

Para mais profundidade nas reflexões e abordagens que inspiraram esse texto:

HARAWAY, Donna. *When Species Meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

KOHN, Eduardo. *How forests think: toward an anthropology beyond the human*. Berkeley: University of California Press, 2013.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

HARAWAY, Donna. *The Companion Species Manifesto: dogs, people and significant otherness*. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.

FERDINAND, Malcolm. *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

BISPO, Antônio (Nego Bispo). *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.



Ilustração: Karipola

AS AUTORAS

Foto: Acervo pessoal



Fabíola Fonseca

Bióloga pela Universidade Federal de Goiás (UFG) com mestrado e doutorado em educação (UFG, Universidade Federal de Uberlândia/Harvard), pós-doutorado em artes pela Universidade Federal do Ceará e outro pós-doutorado em educação para sustentabilidade pela Unicamp. Atualmente está no Museu do Amanhã como especialista em desenvolvimento científico. Gosta de ver as gotas de chuva escorregando pela janela, os desenhos que o brilho da lua cheia faz no mar e acredita que todos os seres carregam em si algo mágico que jamais poderá ser desvendado.

Foto: Acervo pessoal



Mariana Inglez

Doutora e Mestra em Ciências (IB-USP), com especialidade em Bioantropologia. Pesquisa sobre as relações entre ambiente, qualidade de vida humana, alimentação e políticas públicas, com foco em conservação e sociobiodiversidade a partir de uma abordagem biocultural. Desenvolveu pesquisa sobre transição nutricional e insegurança alimentar na Amazônia paraense, além de atuar como divulgadora científica multimídia, promovendo inclusão racial, de gênero e justiça ambiental. Atualmente, é pós-doutoranda em Engajamento Público em Ciência com foco em Ciência Cidadã (IB-Universidade de São Paulo | CTL-University of Groningen, NL), explorando abordagens decoloniais e participativas para conservação de patrimônios bioculturais no litoral sul de São Paulo.

PESQUISADORES AO REDOR DO MUNDO

O fascínio pela descoberta.

Ciência se faz com pessoas – e são nelas que focamos. emREDE é um espaço dedicado aos pesquisadores de diferentes áreas e cantos do mundo que respondem à pergunta: «O que te fascina na sua pesquisa?» – revelando as motivações que vão além dos artigos e laboratórios.

Mais do que divulgar trabalhos, cultivamos uma comunidade: aproximamos mentes inquietas, criando pontes entre disciplinas e geografias. O resultado? Um mapa vivo do fazer científico, em constante expansão.

Nesta edição, os pesquisadores Diana Bulcão, Eduardo Guerreiro B. Losso e Helena Zimbrão nos contam o que faz com que se movam em direção a descobertas de novas respostas para problemas que os deixam intrigados.

Ilustrações: Camilo Martins

DIANA BULÇÃO SIMÕES

DOUTORANDA EM QUÍMICA



É doutoranda em química pelo Programa de Pós-Graduação em Química da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGQ-UFRGS), mestra em Ciência dos Materiais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência dos Materiais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2023/PPGCIMA-T-UFRGS) e bacharel em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2021/EBA-UFRJ). Possui especialização de nível técnico em polímeros pelo Instituto de Macromoléculas Eloísa Mano da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2021/IMA-UFRJ). Pesquisa o campo da conservação de materiais poliméricos sintéticos e semissintéticos em acervos culturais brasileiros. Atuou na ação de resgates emergenciais e tratamento de acervos atingidos pela enchente de maio de 2024 no Rio Grande do Sul. Atualmente realiza serviços para instituições gaúchas e acervos particulares.

O QUE TE FASCINA NA SUA PESQUISA?

Foi minha orientadora do trabalho de conclusão de curso da graduação que sugeriu que eu pesquisasse a conservação de materiais poliméricos sintéticos em acervos. Em termos mais simples, plásticos. Desde sempre gostei muito de plásticos, especificamente. Frequento museus desde pequena, e lembro como me atraíam as obras mais coloridas feitas de materiais plásticos. É até engraçado eu mesma não ter pensado nisso na hora de escolher um tema. Como fiz a escrita durante o primeiro ano da pandemia, tive muito tempo para pesquisar à vontade. Isso me permitiu me aprofundar no campo acadêmico de pesquisas com materiais plásticos na área do patrimônio cultural, o

que me fez descobrir as diversas possibilidades de investigação, como também a falta de conhecimento tanto do público geral, quanto de pessoas do meio, da existência de plásticos em acervos. Brenda Keneghan chegou a cunhar a expressão “*plastic-denial syndrome*” (síndrome de negação de plásticos), ao se deparar com responsáveis de acervos que garantiam não possuir materiais plásticos em suas coleções, e que ficavam chocados ao descobrir que, sim, eles estavam lá.

Plásticos existem e fazem parte do nosso cotidiano há quase dois séculos, e, assim, adentraram nos acervos da mesma forma que qualquer outro material por nós utilizado. Pesquisar plásticos me fascina porque ao mesmo tempo me encontro em contato com esses materiais (no plural, plástico é um termo genérico, mas existem diversos tipos) que tanto me atraíam e atraem; e tenho ferramentas para desenvolver pesquisas com o objetivo de sua preservação. Me fascina tanto que gosto de brincar que inventei meu mestrado, ao propor desenvolver pesquisa em uma área que não era pesquisada no programa de pós-graduação que ingressei na época.

EDUARDO GUERREIRO LOSSO

PROFESSOR TITULAR EM CIÊNCIA DA LITERATURA



Professor associado do programa de pós-graduação em Ciência da Literatura da UFRJ, vice-coordenador do mesmo programa e bolsista produtividade do CNPq. Foi editor da Revista Terceira Margem de 2014 a 2023 e colunista da revista Cult entre 2021 e 2022. Estuda teoria crítica, literatura e teoria da mídia, contracultura musical e poesia moderna, dando ênfase nas relações entre religião e cultura, encantamento e desencantamento. Publicou o livro Sublime e violência: ensaios sobre poesia brasileira contemporânea, pela Azougue Editorial (Rio de Janeiro), em 2018, e, mais recentemente, Mística e antimística, pela Oca Editora (Lisboa), em 2020.

O QUE TE FASCINA NA SUA PESQUISA?

Minha área é Teoria Literária. Em termos teóricos mais gerais, eu penso sobre como a literatura moderna congrega as tensões entre encantamento e desencantamento do mundo, buscando tentativas de reencantamento. A base desse conflito se dá entre um fundo arcaico de uma relação natural e espiritual com o meio circundante, totalmente imersa num cosmos poético, e uma construção científica e tecnocrática de distinção, segmentação, classificação e dominação da natureza. Tal conflito cria tanto anseios futuristas quanto nostálgicos, propensões

conservadoras ou utópicas, dentro das mais diferentes configurações estéticas. As correntes literárias que mais me interessam são as imaginativas, fantasiosas e delirantes, isto é, obras românticas, decadentistas, simbolistas, surrealistas e contraculturais. Coloco, em primeiro plano, a ligação delas com a inefabilidade da música.

Em termos mais precisos de objeto de pesquisa, eu estudo a literatura simbolista brasileira do final do século XIX. Atualmente, estou me concentrando na obra do poeta negro catarinense Cruz e Sousa. Tenho me esmerado, tanto em artigos quanto em sala de aula, na graduação e pós-graduação, em análises cerradas dos poemas dos livros *Broquéis* e *Missal*, ambos de 1893.

Logo, o que me fascina nessa pesquisa não é só o fato de lidar com uma produção poética fascinada pelo mistério natural e espiritual do mundo. Eu penso sobre a própria tensão, típica da modernidade, entre fascínio poético e fastio entediante, erotismo cósmico e sociedade administrada, fabulação criativa e padronização opressiva.

HELENA ZIMBRÃO

MESTRANDA EM CINEMA E AUDIOVISUAL



Mestranda do PPG Cine-UFF e graduada em Cinema e Audiovisual pela mesma instituição. Pesquisa cinemas de rua e práticas de sociabilidade. Trabalha com direção, montagem e fotografia. Seus projetos autorais transitam entre a fotografia e a videoarte, explorando suportes analógicos e digitais. Destacam-se os trabalhos Ensaio Sobre a Insegurança (Festival do Minuto/2020); Katarina Assef – Artists Awards (Rootstock Music Festival/2022); e Como nascem as farmácias (Festival Ecrã/2024 e Mostra SESC de Cinema/2024).

O QUE TE FASCINA NA SUA PESQUISA?

Minha pesquisa é um estudo de caso sobre o Grupo Estação, empresa carioca de exibição e distribuição cinematográfica com quarenta anos de atuação no mercado. Seguindo os trilhos de minha orientadora, Talitha Ferraz, penso o cinema como um espaço de encontro, isto é, uma parte integrante de um contínuo processo de agenciamento, no qual as pessoas, as imagens, os sons, os cheiros, a arquitetura, as comidas, os rituais, as memórias etc., se enredam em uma produção compartilhada de sentidos. Assim, adotei uma rotina de idas a campo – ou melhor, idas aos cinemas do Estação –, de forma a coletar dados qualitativos por meio da observação participante e de entrevistas semiestruturadas. Meu objetivo é compreender como as sociabilidades construídas nos cinemas do Estação se configuram como experiências compartilhadas. O que me fascina é perceber que o encontro não é apenas um conceito teórico, mas um método de

pesquisa. Acredito que estou de fato criando situações de encontro nas idas à campo, ao estabelecer uma relação – ainda que breve – com pessoas que até então eu não conhecia. Muitas vezes, essas situações emergem espontaneamente, “me encontrando” no percurso e me conduzindo por caminhos inesperados. Por isso, procuro me manter disponível às alteridades, às surpresas, às múltiplas formas de lembrar, perceber e se relacionar com o cinema.

FUTUROS

I O ANIMAL E A MÁQUINA

ANA PAULA SIMONACI VALENTIM

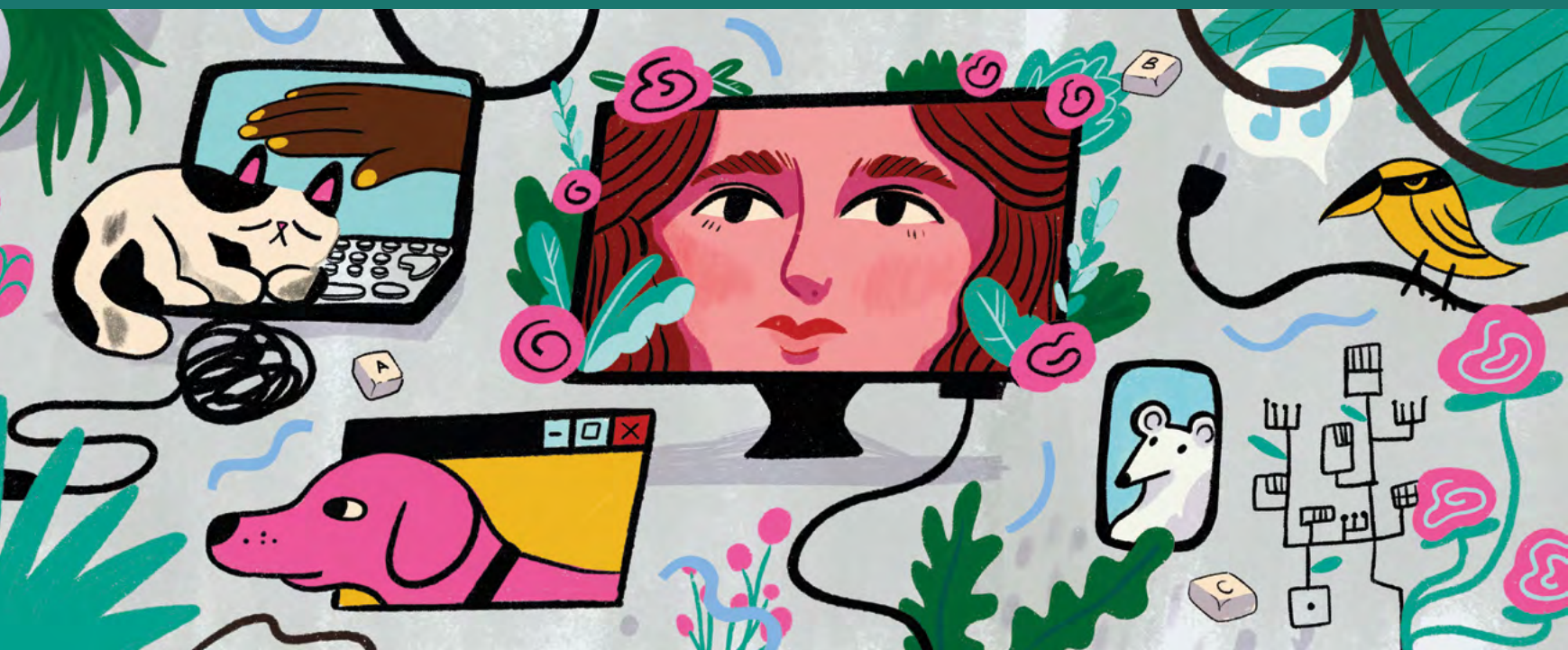


Ilustração: Karipola

Algoritmos estão em tudo. Eles sugerem músicas, indicam rotas e também ajudam a monitorar animais, florestas e rios. Sem perceber, usamos tecnologia para observar e compreender a vida ao nosso redor, conectando ciência, cotidiano e natureza.

Donna Haraway, no *Manifesto Ciborgue*, lembra que as fronteiras entre humano, máquina e animal nunca foram fixas. Hoje, podemos acrescentar até a própria terra a esse cruzamento. Cada decisão digital afeta pessoas, ecossistemas e espécies, mostrando que nossas escolhas tecnológicas têm impactos concretos.

O mundo de *Blade Runner*, filme de ficção científica de 1982 dirigido por Ridley Scott, oferece um exemplo radical dessa reflexão. A história se passa em um futuro próximo em que animais de verdade se tornaram raros, e muitas pessoas só podem vê-los em versões sintéticas vendidas pela Tyrell Corp, uma grande corporação que cria réplicas quase perfeitas de mamíferos, aves e répteis. Deckard, o protagonista, é um policial encarregado de “aposentar” replicantes: seres artificiais quase indistinguíveis de humanos. Durante uma visita à sede da empresa, ele se surpreende com a perfeição de uma coruja artificial, tão convincente quanto os replicantes que caça.

O impacto dessa aproximação vai além do cinema. Quando a imitação se torna quase perfeita, passamos a questionar não apenas o que é real, mas como percebemos e nos relacionamos com o mundo à nossa volta. Essa linha tênue entre o natural e o artificial nos obriga a repensar categorias que antes pareciam claras. Nesse contexto, nossa percepção da diferença entre humano, animal e máquina se altera profundamente.

À medida que máquinas se aproximam da percepção, do comportamento e até da aparência do mundo vivo, nos vemos diante de desafios éticos e conceituais. Precisamos reconhecer que nossa compreensão do natural, do artificial e do humano está em constante transformação.

O futuro será feito dessas relações complexas, marcado pela interdependência entre diferentes formas de existência e inteligência. Observar, escutar e refletir sobre essas conexões torna-se essencial. Entrelaçados, humanos, animais e tecnologias nos convidam a repensar responsabilidades, limites e a própria definição do que significa coexistir neste mundo.

Foto: Acervo pessoal



Ana Paula Simonaci Valentim

Ana Paula Simonaci Valentim é pesquisadora que se interessa tanto no que preservamos do passado quanto pelas inovações que projetam o futuro. Doutora e mestre em memória social pela UNIRIO, atualmente realiza pós-doutorado investigando as relações entre cartunistas, patrimônio e imprensa, e como essas forças moldam nossas memórias e constroem futuros. É curadora da *Revista Humanos*, dedicada a cruzamentos entre arte, ciência e tecnologia, onde também assina a coluna Futuros, espaço de reflexão sensível sobre os tempos que virão – e os rastros que deixamos neles.

QUA DRI NHAN DO



**QUADRINHANDO TRAZ, A CADA NÚMERO,
DESENHISTAS CONVIDADOS
A CRIAR UMA HISTÓRIA INÉDITA
SOBRE O TEMA DA EDIÇÃO.**

Ana Cardoso é natural de Belo Horizonte (MG) e é artista gráfica, graduada pela Escola de Belas Artes da UFMG em 2015. Lançou seu primeiro quadrinho independente, *We Pet*, no Festival Internacional de Quadrinhos (FIQ), em 2015, e o quadrinho *Quando Você Foi Embora*, na CCXP, em 2018, pela Balão Editorial, obra indicada aos prêmios HQMIX e Cubo de Ouro.

Em 2021, foi convidada pelo editor Sidney Gusman para produzir a Graphic MSP *Mingau – Apego*, lançada em 2022, que recebeu indicações aos prêmios HQMIX e Ângelo Agostini. É vencedora do 1º Prêmio Pretas Potências, em 2023. Ilustrou livros infantojuvenis para grandes editoras e desenvolveu trabalhos publicitários para marcas como Itaú, Telecine, Fanta e Netflix. Atua no mercado como artista autoral e freelancer.

OBRAS DA AUTORA

QUANDO VOCÊ FOI EMBORA (2018)

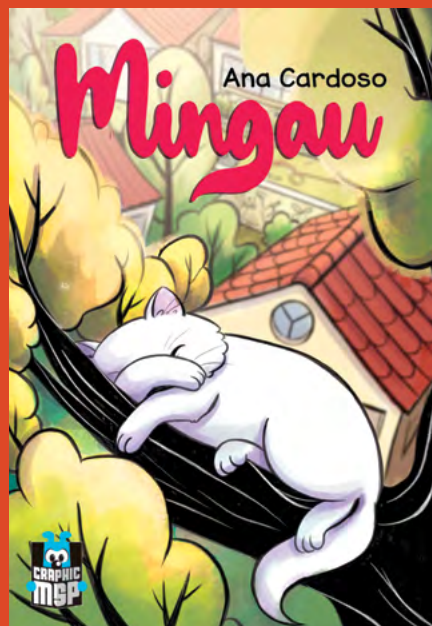
Essa HQ parte da premissa da relação afetiva de um cão com seu dono. E o que acontece com o emocional de um animalzinho que é só “coração” quando seu dono não está mais lá?

A protagonista Luzia se vê às voltas com essas questões quando acaba precisando cuidar de um cãozinho que acabou sozinho no mundo. Só que ela não pode parar o ritmo da vida dela por causa disso e acaba envolvida em uma série de dilemas.



MINGAU - APEGO (2022)

Nesta releitura do personagem de Mauricio de Sousa, Mingau acaba sendo “adotado” por uma menina, que imediatamente o leva para uma nova casa. Agora, a missão é reencontrar a Magali.





O ABANDONO
CAUSA MEDO
E SOFRIMENTO.



E OS SERES
HUMANOS, QUANDO
VULNERÁVEIS,
SENTEM MEDO
TAMBÉM.



NO FIM,
NÃO SOMOS
MUITO
DIFERENTES.



SEM CASA, COMIDA E
CUIDADO, NÃO HÁ
DIGNIDADE.



TER UM
LUGAR SEGURO...



...É UM DIREITO
DE TODOS!



CONTA-ME UM CONTO

■ O PRIMEIRO OLHO

VALESKA TORRES

Ilustração: Karipola



Torcia o pescoço a criatura estelar, incapaz de sustentar nada além da elasticidade de sua pele âmbar. O trote, emplumado, ressoava pelo escorregadio das calçadas de cristais, buscando bisbilhotar à frente, em direção a uma figura de beleza tão próxima quanto as marés. Nos breves instantes em que fixava o seu sentir pelo outro, que se espelhava em suas estrelas, a criatura tilintava de profundo prazer. A languidez havia desaparecido, dando lugar à coragem de um corpo sadio. Nutria-se de beleza, assim como a folha se nutre de energia solar. Outrora, nos tempos de ouro, seu alimento era o amor. Entretanto, o amor estava extinto, e seu corpo sucumbira à busca de outros modos de estar viva. Não havia olhos que enxergassem, mas sim a própria energia que se manifestava. Naquela ocasião, a figura bela havia alimentado dias escassos. Sentia-se forte novamente, o que a fazia retornar ao seu íntimo, onde guardava em si a esperança de encontrar o amor. Trotava para frente, num caminho infinito. Não tinha medo, mesmo em dias eclipsados, mesmo diante dos tornados. Sempre em frente trotava a criatura. Pelo caminho eram vastos os sentimentos. Alguns a atormentavam a tal ponto que, por vezes, deixava passar bem próxima de si mesma aquilo que a alimentava. Jamais havia se dado conta das perdas, já que trotar para trás nunca tinha sido considerado durante a sua longa existência.

De repente, um chiado estremeceu seu pescoço. Reconheceu, como se fosse um sonho, algo que era familiar. Algo que vinha em manada de muito longe. Eram os corpos celestes em rajada à sua frente. Eram um dos poucos seres que costumavam vir em direção contrária à sua, fazendo um tumulto que mastigava a ordem de sua caminhada. Desta vez, diferente de todas as outras, os corpos celestes carregavam consigo algo do futuro. Isto que vinha, despencou do lado da criatura, que sentiu pela primeira vez o pavor. E, tomada por esse sentimento inédito, saltou do seu corpo um novo órgão: um olho. Se revelou diante de si tamanha cor, volume e esplendor. Parou de trotar para contemplar aquilo que estava ao seu redor. Parada, pôde ouvir o som de um caminho ausente de suas passadas. Então, o olho que não habitava nenhuma cabeça, mas sim a extremidade do seu dorso, lacrimou. Tudo ao redor era exuberante e vibrava com força diante do seu olho fazendo com que a criatura alargasse ainda mais a

pálpebra num desejo de captura. Quanto mais alargava a pálpebra, mais sua frustração crescia. Aquilo que contagiava seu olho não alimentava seu corpo. Prostrou-se diante do ser futurístico que, caído ao seu lado, estava morto. E assim, deitou à beira da morte e descobriu, finalmente, o descanso.

Foto: Viviane Laprovita



QUEM É VALESKA TORRES?

Poeta, escritora, performer, educadora e editora. É autora dos livros *O coice da égua* (7Letras, 2019), *Plutônio-239* (7Letras, 2022) e *Navalhar o chão com dentadas* (2024). Entre as 100 pessoas inscritas de mais de 30 cidades ao redor do mundo, foi uma das duas escritoras selecionadas para a residência literária *Writer in the Park 2024*, em Liubliana, na Eslovênia. Realizou sua apresentação literária *Navalhar o chão com dentadas* em Liubliana, Berlim, Madri e Lisboa. Participou como poeta convidada do Mundial Poético de Montevideu, no Uruguai, e do Festival Internacional de Poesia de Rosário, na Argentina. Ministrou diversas oficinas literárias no Sesc RJ e no circuito de Criação Literária do Arte da Palavra 2024 – Sesc Brasil. Compõe a antologia *As 29 poetisas hoje* (Companhia das Letras, 2021), organizada por Heloísa Buarque de Hollanda.

DE OLHO NO SESC

DESCUBRA OS PROJETOS QUE FAZEM DA EDUCAÇÃO NO SESC RJ UM ESPAÇO DE EXPERIMENTAÇÃO, ALEGRIA E CONHECIMENTO. NESTA EDIÇÃO APRESENTAMOS:

SESC ORGULHO NERD SE CONSOLIDA NA BAIXADA

ORGULHO
NERD
SESC | ACT | 2025

Vida através
da tecnologia!

_Toda uma programação nerd para você!

_Confira a programação em:

 [sescsaojoao](https://www.instagram.com/sescsaojoao)



Aponte sua câmera
para ler o QR Code
e siga nosso Instagram



Fotos: Aluysio Neno



Desde 2020 que a unidade Sesc São João de Meriti sedia o Sesc Orgulho Nerd, organizado pelas unidades do Sesc da Baixada Fluminense. Em 2025, entre os dias 23 e 25 de maio, mais de duas mil pessoas participaram das atividades, além das ações em outras unidades da instituição, como Sesc Nova Friburgo, Sesc Grussaí e Sesc Niterói.

Com o tema “Vidas Através da Tecnologia”, a proposta foi celebrar a cultura geek e promover uma reflexão profunda sobre como as ferramentas digitais não apenas transformam nossa rotina, mas também se tornam um espaço para inclusão, expressão cultural e mudança social. O evento destacou a forma como a tecnologia impulsiona e enriquece o universo geek.

Personagens filosóficos em jogos trazem a ciência para a ficção, enquanto a gamificação transforma o processo educacional em uma revolução social. Por meio da cibercultura, temos poder de criar interfaces sociais que afirmam e empoderam grupos historicamente marginalizados. Dentro dessa proposta mostramos como o universo nerd vai além do entretenimento, sendo também um espaço potente de reflexão crítica, aprendizado e empoderamento, explorados em debates, oficinas, rodas



de conversa, sessões de jogos, exposições, exibições de filmes e outras ações educacionais.

Logo na abertura, fizemos um bate-papo com Andrei Duarte, ilustrador e dublador da série de animação brasileira mais conhecida no exterior – Irmão de Jorel! Conversamos sobre identidade brasileira na animação, com teatro lotado de estudantes da rede pública, professores e público em geral, e finalizamos o dia com Orquestra Geek: Rigoletto de Jedi, um grupo formado por estudantes de música originários na baixada fluminense que usam a música de concerto para interpretar trilhas sonoras e temas do universo nerd.

Nessa edição ampliamos a pluralidade de atividades devido à tradição da Baixada Fluminense em apresentações de K-pop, com eventos pioneiros em Duque de Caxias, desde 2009. Duque de Caxias também foi pioneira nos primeiros eventos nerds do Rio de Janeiro com organização profissional, por isso nessa edição tivemos os principais K-Covers do Brasil, com o público apoiando e vibrando a cada

apresentação. No fim de semana, entre diversas atividades para o público, podemos destacar a Arena de games independentes; RPG – vivências lúdicas – filosofia por meio de jogos de interpretação; Exposição interativa blocos gigantes; O show com a banda Ducktails e o belíssimo museu do Tokusatsu.

E claro, não dá para falar do evento sem mencionar o desfile de cosplayers! As apresentações são um show à parte, e com razão. O Brasil é, historicamente, um dos países com mais cosplayers do mundo. Nossos talentos não apenas competem em nível



internacional, mas são reconhecidos pela sua originalidade e maestria, consolidando o cosplay brasileiro como uma força criativa a ser admirada globalmente. Por esses e outros motivos as apresentações foram potentes e levantaram o público presente.

Claro que antes tivemos um importante debate, mediado por Mario Vinicius Sant'Anna, que reuniu artistas renomados do cosplay e da cultura nerd, como Bielzard, Lucas Euphrásio e Julius Kaeser, para explorar a integração dessas culturas com a cultura popular brasileira, validando a profissionalização do cosplay, sua influência em diversas áreas do entretenimento e sua capacidade de promover a representatividade e a diversidade.

Foram três dias muito importantes para história dos eventos nerds no Rio de Janeiro, e como todo projeto educacional precisa de continuidade, para absorver a demanda de público gerado pelo sucesso dos eventos e atividades executadas no Orgulho Nerd desde 2018, continuamos com atividades de forma sistemática e de maneira inédita no país, oferecendo oficinas gratuitas em duas áreas do universo nerd: a criação de cosplays e a performance de K-pop cover. As oficinas incentivam o uso de materiais acessíveis e o aprendizado prático de habilidades técnicas – o uso de softwares e impressoras 3D. O objetivo é capacitar jovens e adultos, desenvolvendo neles a criatividade, a autonomia, ao mesmo tempo que promove inclusão social e valoriza a diversidade cultural presente nessas expressões.

Também realizamos uma oficina de dublagem gratuita com um dos mais versáteis profissionais da área, o Fred Mascarenhas, oferecendo aos jovens um primeiro contato com a dublagem, mostrando o processo do início ao fim, por meio de tecnologias de edição de vídeo e captação, além de expressão artística e criação de voz. A dublagem é uma forte ferramenta de abertura, permitindo acesso mais democrático a filmes, séries, games e outras produções produzidas originalmente em outros idiomas. Estas atividades fazem com que mais de 60 pessoas circulem todo fim de semana dentro da unidade de São João de Meriti, conversando, aprendendo e trocando conhecimento a partir do universo nerd.

E isso só aumenta a necessidade de democratizar o acesso e proporcionar, com o orgulho nerd, o acolhimento. Eventos como este contribuem para fortalecer o acesso da juventude local a experiências culturais e educacionais de qualidade, valorizando a identidade nerd e criando oportunidades de troca e formação.



Foto: Acervo pessoal



Leandro Ferra

Carioca, formado pela Escola de Belas Artes da UFRJ, trabalha na área de ilustração, animação, design e criação há mais de 20 anos. Foi professor do Senai por 12 anos em curso de jogos, modelagem, design e animação. Diretor de arte e animação da série *Imagem Vinil* (Prime Box Brasil), exibida no Festival de Cinema de Brasília em 2020. Participou de 53 festivais pelo mundo com seus curtas metragens e videocliques exibidos em mais de 30 países, com destaque para *Nódulo* e *O Preto de Azul*, sendo este premiado no Festival Bananeiras de Cinema. Hoje, trabalha como analista de educação do Sesc RJ, focado em arte, ciência e tecnologia, na unidade Sesc São João de Meriti.

QUE CAPA!

A CAPISTA

Carli Ayô é ilustradora, arte educadora e artista visual e urbana. Seus principais trabalhos retratam personagens afroindígenas realizando tarefas do cotidiano, carregando características que são facilmente reconhecidas em seus trabalhos.

Suas ilustrações já foram estampadas em sacolas Tok Stok, livros de poesias, revistas, artigos e livros acadêmicos, entre outros. Como artista visual e urbana, possui grafites espalhados por Brasília, Minas Gerais e Costa Rica.

PROCESSO CRIATIVO DA CAPA

Foi um processo muito gostoso e fluido pensar a interação das cores, os elementos naturais, os animais inseridos na paisagem... tudo aconteceu de forma leve, é maravilhoso quando temos a liberdade

Foto: Acervo pessoal



de construir uma arte que respeita o traço do artista e valoriza a liberdade de expressão, fiquei muito feliz pela aprovação e por ter captado a ideia, estou ansiosa para vê-la estampada na revista. Sou muito grata pelo convite para ilustrar.

OUTROS TRABALHOS DA ARTISTA







SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC

Administração Regional no Estado do Rio de Janeiro
Rua Marquês de Abrantes, 99 - Flamengo
22230-061 - Rio de Janeiro/RJ

CONSELHO REGIONAL DO SESC DO RIO DE JANEIRO

PRESIDENTE

Antonio Florencio de Queiroz Junior

DIRETORA REGIONAL

Regina Pinho

CONSELHEIROS

Alberto Machado Soares, Andréa Marques Valença, Angélica Rosa de Souza, Antonio Lopes Caetano Lourenço, Bráulio Rezende Filho, Cláudio Secchin, Germano de Freitas Melro Valente, Guilherme Braga Pires Neto, Igor Edelstein de Oliveira, José Anibal dos Prazeres, José Essiomar Gomes da Silva, José Jorge Ribeiro Gomes, Luiz Edmundo Quintanilha de Barros, Napoleão Pereira Velloso, Natan Schiper, Oswaldo Luis Cordeiro Teles, Pedro José Maria Fernandes Wahmann, Sérgio Neto Claro

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL

JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Antonio Florencio de Queiroz Junior,
Natan Schiper e Pedro José Maria Fernandes Wahmann



REVISTA *humanas*